

O BRASIL VISTO POR DOIS PRUSSIANOS

João Batista Pinheiro CABRAL

Este desprezencioso trabalho, de natureza eminentemente informativa, procura apresentar ao leitor os escritos de dois viajantes prussianos sobre o Brasil, mais precisamente sobre o Rio de Janeiro, produzidos entre 1819 e 1820. Aqui se tenta oferecer uma amostra do volume intitulado *o Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819*, de autoria de Theodor Von Leithold e Ludwig Von Rango (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966), Coleção Brasileira, volume 328, tradução e notas de Joaquim de Souza Leão Filho.

Em realidade esse volume representa uma fusão de dois trabalhos escritos por autores distintos que, embora fossem parentes - eram tio e sobrinho, respectivamente - sendo originários da mesma região da Europa, a Prússia, e tenham estado no País na mesma época, 1819-1820, referem-se ao Brasil cada um a seu modo e em estilos bastante diferentes.

O primeiro trabalho, de autoria de Theodor Von Leithold, tem os seguintes títulos e subtítulos: *Minha excursão ao Brasil ou viagem ao Rio de Janeiro e volta acompanhada de minuciosa descrição dessa capital, da vida na corte e seus habitantes, bem como de alguns conselhos para os que buscam melhorar sua sorte no Brasil*. Foi publicado originalmente em Berlim, no ano de 1820, pela livraria MAURER.

O segundo trabalho, de autoria de Ludwig Von Rango, veio a lume primeiro em Bruxelas, em 1820, e depois em Leipzig, no ano de 1821, com o título de *Diário de minha viagem até o Rio de Janeiro no Brasil e volta, nos anos de 1819 e 1820, em Cartas*.

O que teria trazido esses dois viajantes prussianos ao Brasil? Que visão tiveram eles de nosso País e de sua capital à época em que o visitaram?

Antes de procurar encontrar respostas para essas perguntas achamos conveniente traçar um esboço do perfil do Brasil, no contexto do

império português de então, tecendo também alguns breves comentários acerca do período histórico mundial que vai desde a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, até as vésperas de seu regresso à Europa, em 1821.

Quando as tropas francesas comandadas pelo General Junot alcançaram os arredores de Lisboa, em fins de novembro de 1807, a família real apressadamente embarcou para o Brasil sob a escolta e proteção de marinha inglesa. Isto foi apenas mais uma evidência de que Portugal, já há mais de um século, havia se transformado, em realidade, numa espécie de protetorado econômico da Inglaterra. Quando as guerras napoleônicas agitaram toda a Europa, Portugal teve que escolher entre o imperialismo econômico da Grã-Bretanha e o imperialismo militar do Imperador dos franceses. Havia na Corte Portuguesa partidários dos dois lados, mas acabou prevalecendo a opinião do grupo anglófilo e, assim, a Rainha-mãe, incapacitada por doença mental, o Príncipe Regente, futuro D. João VI e um grande número de funcionários, nobres, membros da corte zarparam para o Brasil, sob a proteção da marinha britânica, como já referido.

Após uma breve escala na Bahia, os soberanos e demais exilados dirigiram-se para o Rio de Janeiro. Deste modo, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro tornou-se a capital temporária de todo o vasto império português. De acordo com Oliveira Lima, em sua obra *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*, este feito notável tem características ímpares na história mundial. Subitamente o trono de um dos grandes impérios do velho mundo transfere-se para o Rio de Janeiro. Esse império era tão vasto que incluía, além do Brasil, as ilhas de Cabo Verde, Açores, Madeira, os vastos e inexplorados territórios de Angola e Moçambique, na África, e, ainda, feitorias ou estabelecimentos na Índia e China, na Ásia, e na Oceania.

Esta mudança trouxe, naturalmente, grandes transformações e algum progresso para o Brasil. José da Silva Lisboa, um dedicado discípulo de Adam Smith, juntamente com o Conde da Ponte, então governador da Bahia, logo obtêm do Regente a abertura dos portos, com as vantagens especiais concedidas à Inglaterra.

Muitas outras mudanças se seguiram à abertura dos portos, as quais modificaram profundamente a vida da outrora sossegada colônia, especialmente no que diz respeito ao Rio de Janeiro. Esta cidade foi forçada a se adaptar à condição de anfitriã da corte européia. Assim, experimentou uma avassaladora onda de progresso, de desenvolvimento e cresceu rapidamente. Nessa época, muitos estrangeiros foram atraídos para o Brasil. Eram cientistas, técnicos, homens de saber, artistas e aventureiros que, não raras

vezes, a convite da Coroa vinham para o Brasil. Em 1816, por exemplo, aqui chegou uma missão de artistas franceses, vinda por sugestão do Conde da Barca, ministro de D. João VI, a qual era composta de pintores, escultores, arquitetos e músicos. Essa missão viria a se constituir no núcleo em torno do qual se formaria depois a Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Entre os estrangeiros notáveis que visitaram o País naquela época encontram-se, para citar apenas alguns, Karl Friedrich Philipp Martius, Johann Baptist Von Spix, membros da missão científica bávara que chegou em 1817, com a Arquiduquesa Maria Leopoldina, filha do Imperador Francisco I da Áustria, então noiva e depois esposa de D. Pedro de Alcântara - futuro Pedro I. Veio também o artista vienense Thomas Ender, autor de desenhos maravilhosos e coloridos sobre o Brasil; e mais Auguste de St. Hilaire, Eschwege, Príncipe Max de Wied-Neuweid e outros. Essas presenças ilustres na corte do Rio de Janeiro parecem indicar, claramente, que o Brasil deixara de ser uma simples colônia de exploração e tornara-se um ponto de convergência de ilustres representantes da cultura européia.

Mas há outro tipo de viajantes que vêm também nessa época ao Brasil. São aqueles que para cá se dirigem, como disse o próprio Theodor Von Leithold, "em busca de melhora da sorte no Brasil". E foi precisamente por esse motivo que os dois prussianos, autores do volume que aqui se resenha, empreenderam a então ainda desconfortável travessia do Atlântico em direção ao Brasil.

Theodor Von Leithold foi um capitão de cavalaria, reformado, de um ex-Regimento Real de Hussardos Prussianos, veterano da campanha da Rússia, que foi atraído ao Rio de Janeiro pela transferência da Corte Portuguesa, tendo chegado aqui em outubro de 1819. Era cunhado de Silvestre Pinheiro Ferreira, um eminente estadista português, conselheiro e ministro de D. João VI. Tinha esse ex-oficial prussiano a intenção de se estabelecer nos arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro, onde pretendia tornar-se cafeicultor, contando para tal com os bons ofícios do parente e amigo influente. Graças às boas amizades do cunhado, pretendia o nosso intímato cavalarião hussardo conseguir uma subvenção do Rei da ordem de oito contos de réis.

A aventura no Brasil, da qual participaram o sobrinho e a filha, não teve um início muito auspicioso. Logo ao desembarcarem do navio que os trouxera ao Rio de Janeiro, após uma viagem de dois meses e oito dias (68 dias), cansados e famintos, descobriram não ser possível àquela hora, pouco depois das oito da noite, encontrar veículo disponível para o transporte até o local onde se hospedariam. Com a ajuda de um guia, porém, conseguiram

chegar, após caminharem por duas horas, à residência do parente que procuravam. Infelizmente, ao chegarem à casa do bom cunhado Silvestre Pinheiro Ferreira não encontraram ninguém da família. Depararam-se tão somente com uns escravos, que se recusaram terminantemente a abrir as portas aos estranhos. A solução foi hospedaram-se momentaneamente, na casa do ministro dinamarquês, que morava nas proximidades. O ministro chamava-se Dal Borgo di Primo, mas o autor equivocadamente o chama de Dal Borgo D'Olinda. Na casa do dinamarquês permaneceram até a chegada de Silvestre Pinheiro Ferreira.

Após o reencontro familiar, rapidamente descrito, Leithold passa a relatar aspectos dos bairros do Rio de então. Os ministros, os cônsules estrangeiros e muitos ingleses residiam no Catete. Os chafarizes, conta-nos o prussiano, são supridos pelo soberbo aqueduto da cidade, e elegantemente construídos em pedra. Tão sofisticados e bem acabados são que logo o nosso visitante os compara aos existentes em Paris! Já as touradas, oferecidas ao público por ocasião do aniversário da princesa real, não o impressionam favoravelmente, pois o touro e os toureiros não se comparavam aos espanhóis. O progresso urbano do Rio era bastante desnivelado. Em contraste com a beleza e suntuosidade dos chafarizes, o comércio, especialmente o varejista, chamou a atenção de Leithold pela desorganização. Não há uma travessa, mesmo num raio de cinco ou seis horas em torno da cidade, que não tenha a sua venda a pouca distância uma das outras", informa o prussiano. Para ele, esse modo de comércio "era fruto do comodismo e da imprevidência com que os portugueses praticam sua economia doméstica, comprando só o que pode ser levando em pequenas quantidades". As condições de higiene desses estabelecimentos eram péssimas. "O mau cheiro que se exala dessas vendas é insuportável e estão sempre repletas de escravos bêbados", diz-nos o ex-hussardo. Os produtos vendidos nesses estabelecimentos e mercados vinham de fora: farinha de trigo (dos Estados Unidos), manteiga e batatas (da Inglaterra), cebolas (de Portugal), vinho (da França, Espanha, Portugal e Ilha da Madeira) e cerveja - tipo Porter (da Suécia).

Os aluguéis, prossegue Leithold, são extravagantemente altos; o aluguel de uma casa modesta custava entre 14 e 16 mil réis por mês, sem móveis. E era difícil alugar-se uma, afirma. Os carros de aluguel eram de dois tipos: fiacre, para mais de um passageiro, e sege, um tipo de coche de duas rodas e lugar para um só passageiro. Esses antecessores dos táxis custavam altos preços e eram alugados por corrida, por hora ou pelo dia inteiro, especialmente se o freguês era estrangeiro.

Leithold impressionou-se com a quantidade de negros no Rio. Para ele a proporção era de 5 negros para cada branco na cidade, "isto devido

à grande quantidade de escravos já existentes e da enorme quantidade que continuava a ser importada.” Sobre os escravos ele nos diz: “não se pode negar que grande número de escravos, na letargia em que caem, precisam ser tratados com severidade, mas também encontrei muito negro talentoso e de sentimentos mais delicados do que os dos brancos, que os tratam ao campricho do momento, como se fossem cães.”

A descrição do beija-mão real, que hoje lembraria as homenagens que periodicamente se prestam aos chefes e patrões neste país, eram cansativos e repetitivos. “Contei”, diz-nos Leithold, “numa noite dessas, trezentas pessoas, de modo que o rei teve a mão beijada seiscentas vezes!” Leithold testemunhou a chegada dos primeiros imigrantes suíços vindos para o Brasil, que se fixaram em Cantagalo, na então, província do Rio de Janeiro, onde fundaram a cidade de Nova Friburgo. Eles partiram do porto de Roterdan. Mas não eram somente suíços que imigravam para o Brasil. O país tornara-se um centro de absorção de emigrados, atraindo imigrantes de várias partes da Europa.

Por se dedicar muito à descrição da vida na cidade, pouco espaço, apenas um curto capítulo, sobrou no livro para descrever as atividades agrícolas desenvolvidas à época no País. Assim, o ex-capitão de hussardos, que ao sair da Prússia pensava em transformar-se, com a ajuda do influente cunhado, num próspero fazendeiro de café, chega à conclusão de que não lhe será possível materializar suas aspirações, pois a empresa requeria um investimento muito alto em tempo e dinheiro. “Uma fazenda de café pode assegurar a existência de um estrangeiro se ele dispuser no mínimo de um capital de 6.000 a 8.000 tálers, como base, e se se dispuser a esperar, dependendo da natureza do solo e esmero do plantador, entre três e cinco anos pela primeira colheita.” escreve o prussiano.

Mas não foi somente seu desencanto com a cafeicultura que o levou a retornar à sua terra natal. O fato de haver sido vítima de uma “instituição” - hoje vulgarizada nos grandes centros urbanos - o assalto - também deve ter influído nesta decisão. Nas palavras do autor, eis o que se deu. “O destino perseguiu-me também no Rio de Janeiro por todos os modos, tornando esta terra, em que o europeu em vez de leite e mel só encontra amarguras, ainda mais odiosa”. Tinha saído da Ópera e dirigia-se para casa, por volta da meia-noite, quando um desconhecido armado com um cacete começou a segui-lo. O nosso prussiano tenta desviar-se, procurando abrigo atrás de um muro onde, por azar seu, estavam mais três comparsas do assaltante. Em suas palavras, eis o que se passou: “teria andado um quarto de hora quando, detrás de um muro em ruína, assaltou-me o diabo do negro com

seu cacete, pelo lado esquerdo da rua, a gritar: vinténs! Respondi-lhe logo: ni vinténs! Três outros saíram ao meu encontro detrás do muro, meio escondidos pela vegetação, brandindo punhais... Pus-me a gritar com toda força: Polficial!... passei a gritar em Francês, Latim e Português etc. para que me abrissem a porta, fiz tinir o dinheiro na minha bolsa e gritei. Fidalgo! Tudo em vão. Ninguém me abria a porta em frente da qual me achava e de onde vinha uma luz. Tampouco as vizinhas. Corri para outras casas e fiz o mesmo barulho, sem êxito. Em toda a vizinhança silêncio de morte, e eu, sozinho na noite, banhado de suor, à espera, cada momento, da reaparição dos diabos com suas facas." Oito dias depois desse assalto, foi vítima de um furto em sua residência, ficando com pouca coisa mais do que a roupa do corpo. Essa sucessão de desastres faz com que o nosso visitante tomasse a decisão de deixar o Rio de Janeiro pelo primeiro navio, o que veio a acontecer. Retornou à Europa em companhia da filha, a bordo do navio "Fortuna". O sobrinho com quem havia viajado ao Brasil, Ludwig Von Rango, decidira permanecer no País por mais algum tempo. O trabalho produzido por Ludwig Von Rango constituiu-se em uma série de cartas a um pretense amigo, Egmont.

Rango não demonstra, ao longo dessas cartas, muito entusiasmo pelo que encontra no Rio. Ao referir-se ao Palácio Real, por exemplo, assim o descreve. "O Palácio Real, lindamente situado e habitado mais pela família do que pelo rei propriamente, está longe de ser majestoso. Pode apenas ser comparado a uma casa grande das nossas". Como seu tio, Rango impressiona-se com o aqueduto que abastece a cidade e os chafarizes para uso do público. Nota que, entre os estrangeiros, predominam ingleses e franceses, mas há habitantes oriundos de inúmeros outros países. Isto lhe é incompreensível, pois não imaginava encontrar tantos estrangeiros em paragens tão distantes. Admira-se que tantos milhares de europeus possam permanecer tanto tempo no país, movidos, acha ele, uns pela ganância, outros pelo desejo de cultivar a terra e, pelo trabalho, conseguirem fortuna. As chances destes últimos, achava Rango, seriam mínimas, pois as condições climáticas não eram favoráveis. As igrejas, a religião e a nobreza são objetos de atenção e de crítica deste visitante prussiano. Entretanto, como seu tio, impressiona-se com a qualidade da música de Marcos Portugal, mestre da Capela Real. É duro com os religiosos. Em parte alguma do mundo, diz ele, "existem mais padres e vi meos religião do que no Brasil". O clero e a nobreza gozam de privilégios neste País como nenhuma classe na Europa pode gabar-se de possuí-los. O beija-mão real, como o seu tio, compatriota e companheiro de viagem já se referira, também lhe causa impressão desfavorável, pela excessiva bajulação.

Uma boa parte da estada no Rio é gasta por Von Rango reunindo tudo o que diz respeito à história e geografia do Brasil, com o objetivo de

elaborar um trabalho sobre o País, quando do seu regresso à Europa. De fato, em algumas das cartas refere-se com detalhes ao tipo de costas, terras cultiváveis, ao solo, às plantas, às frutas e discorre, à semelhança do que fizera o seu tio, sobre o comércio e os artigos importados e exportados da Europa e para a Europa pelos comerciantes do Rio de Janeiro, alongando-se, naturalmente, nas considerações sobre o café, o açúcar e o algodão, produtos brasileiros de grande importância na época. É, em muitas ocasiões, mais minucioso do que o tio. Menciona as relações comerciais do Rio de Janeiro com as Índias Orientais, com as ex-colônias espanholas, Inglaterra, França, Holanda, Portugal e com as cidades alemãs de Hamburgo e Bremen, “de onde vinham toda sorte de panos de linho”.

Durante suas últimas semanas no Brasil o tempo é gasto em viagens. Juntamente com alguns companheiros estrangeiros, Rango vai a São Lourenço e a Cabo Frio. Avidamente toma notas durante a viagem. Descreve os caminhos, os meios de transporte, especialmente os carros de bois, que odiava por causa do barulho que ele descreve como sendo “música intolerável, capaz de enlouquecer”. Observa a prática das queimadas, “bosques incendiados, dos quais ficaram os troncos, parecendo ruínas”. Admirava-se com as plantações escondidas entre morros, com os brejos e pastagens, com tudo que desfilava ante os seus curiosos olhos durante o dia. Pouco depois, desiludido como o tio, regressava à Europa a 7 de fevereiro de 1820.

De volta à Europa, esses dois viajantes prussianos preocupam-se em encontrar editores para seus trabalhos, frutos das anotações e das experiências vividas no Brasil que, no decorrer do tempo, desde suas visitas até nossos dias, tem mudado tanto em alguns aspectos e em outros não. Graças aos diligentes cuidados em guardar detalhes e ao poder de observação da dupla prussiana, Von Leithold e Von Rango, podemos hoje olhar retrospectivamente para o Rio de Janeiro e para o nosso País de 1819 e 1820 e contemplar pela janela do tempo interessantes aspectos do Brasil de então.

A última observação pertinente, neste breve trabalho, talvez seja a total omissão dos dois preclaros visitantes quanto a qualquer possibilidade de êxito ou mesmo da própria existência de um movimento pró-independência política do Brasil, fato que viria a acontecer logo após o retorno deles à Europa. Isto denota a visão etnocêntrica européia e profunda identidade de interesses entre os autores e nossos colizadores lusitanos.

No contexto geral da chamada “literatura dos viajantes”, obras sobre o Brasil escritas por pessoas que aqui viveram por algum tempo, o volume aqui resenhado representa uma preciosa contribuição, podendo servir como ponto de partida de inspiração ou de ilustração tanto para leigos como para neófitos ou iniciados nos estudos de nossa História.